

Preâmbulo

Há algo de comum inscrito na algazarra inerente aos comícios, às congadas e aos terreiros de candomblé; ao comer um tacacá durante o carnaval de rua de Belém, ao dançar em um baile *funk* da periferia do Rio de Janeiro ou em uma *disco* de Cuiabá. A festa está em toda parte; da bandeira do Divino ao Oktoberfest, da folia de reis ao trio elétrico, dos turés aos afoxés.

O Brasil revela-se assim palco para cenários festivos dessemelhantes que no entanto compartilham o simples desejo de celebrar, estar junto, marcar uma determinada passagem. Enfim, socializar o prazer e a dor dispersos pelo cotidiano. Subjacente a toda esta predisposição ritual, reside a certeza de que a festa nos une.

Processo fervoroso, a construção da identidade brasileira parece encontrar analogia nos procedimentos da festa antropofágica Tupi, aludida por Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropofágico” de 1928. Lendo os cronistas quinhentistas e seiscentistas, as teses de Florestan Fernandes e mais um bocado de trabalhos etnológicos sobre os clássicos Tupinambá, lembramos que a tal antropofagia consistia não simplesmente numa prática canibal, mas numa festa indígena grandiosa, onde comer o inimigo de guerra significava apropriar-se de sua humanidade inegável.

Valendo-se da antropofagia como metáfora, Oswald e seus companheiros modernistas imaginaram um Brasil concebido pela incorporação de elementos estranhos entre si, trazidos de fora para serem, por fim, recarregados de significado. Este constante “por fazer” e “re-fazer” da identidade brasileira reconhece-se em nossa *praxis* festeira. É preciso, por meio do drama, fazer conviver as diferenças, pensá-las, avaliá-las. É preciso, por conta da festa, colocar em dia as questões mais elementares, os dilemas fundantes, os ideais de porvir. Trata-se da criação de um espaço crítico, um caldeirão composto de ingredientes variados, de natureza conhecida ou ignorada cuja combinação produz movimento.

A festa atribui realidade mágica ao mundo, impregnando-o com seu *mana*. Promove misturas entre o “eu” e o “outro”, de maneira que a diferença seja ao mesmo tempo celebrada e abolida (em nome de uma humanidade irreduzível), oscilando incessantemente entre hipérboles e eufemismos. Atualiza sua feição transgressora, subvertendo fronteiras entre o “real” e o “extraordinário”, o centro e a periferia, a casa e a rua. Aspirando ao todo, torna universal o particular, nacional o regional, coletivo o individual. Constitui propriamente um “outro mundo”, espaço do ambíguo e do indeterminado, revelando à sociedade o que ela possui de alternativa a si mesma. Re-une pedaços, trazendo para a aldeia a cidade, para a política a poética, para a metrópole o sertão.

A festa brasileira, carnalizada e carnalizante, evidencia dimensões limiares da experiência social. Trazendo à tona temporalidades distantes para um campo de embate, ela anuncia o pretérito no presente. Reconhece em suas heranças barrocas um projeto de modernidade que, para sê-lo, não exclui as glórias e desventuras passadas, a presença inesgotável do catolicismo, as lendas e a moldura patrimonialista. Uma encruzilhada no mais do termo, a festa no Brasil (e alhures) apresenta-se como conagraçamento e confronto

de elementos de proveniência múltipla, uma típica profusão de variações sobre a tópica do excesso, do excêntrico, do lúdico.

A festa é e continuará sendo um tema antropológico por excelência. “Sistema de prestações totais”, “drama”, “plethora de alegria”, ela é capaz de condensar, iluminar e desnudar situações-chave que colocam em causa o estado de coisas social. Enquanto “microcosmos”, reproduz em seu espaço quase fictício a maquete da vida social total, almejada pelos estudiosos, dos mais clássicos aos mais pós-modernos. Enfim, realiza (dramatiza) o que em potência poderia ser chamado de cultura ou sociedade.

É pois que, na festa, a própria Antropologia encontra seu momento experimental: o ambiente perturbador e criativo da festa revela uma cumplicidade ontológica com a disciplina, também desconfiada dos esquemas preestabelecidos. Antropofagicamente, ambas, a festa e a Antropologia, tendo em vista a impossibilidade de um mundo estático, encontram-se sob a obrigação de (re)significar: a primeira por um viés mais sensorial, a segunda por um viés sobretudo conceitual. Desta forma, há que se pensar uma interpenetração.

Que a Antropologia nos dê a festa e vice-versa.